

### *Preâmbulo e dedicatória*

Sempre sonhei cantar a glória do casamento. Mas tardava a encontrar, afora o meu próprio caso, uma situação à altura. Enveredar pela autobiografia matrimonial afigurava-se-me de uma obscena imodéstia. Como o gato à espreita do rato, resolvi aguardar, com simulada paciência, o momento em que a presa viesse aninhar-se entre as minhas garras. Entretanto, à falta de ratos no horizonte, ia olhando para outras coisas.

Os meus primeiros anos de escritora decorreram, assim, naquela dispersão contente que é a perda de tantos literatos. Inventei cobras e lagartos, imortalizei sapos e lagartixas, criei um fundo sonoro de zumbidos de insectos e tornei-me, momentaneamente, célebre pelo meu bestiário. Mas a zoologia não era, em última análise, a minha vocação.

Falar de pessoas parecia-me, nesse tempo, uma concessão à banalidade. O mundo estava infestado de pessoas, os livros não falavam de outra coisa, a televisão agredia-nos os olhos com cenas humanas até à náusea. Os jornais enchiam-se de gente, as praias de semelhantes, os bares de derivados — ao ponto de o Planeta se confundir com o metropolitano a horas de ponta. No meio desta massa promíscua, como descortinar uma figura original que honrasse a Literatura?

Tinha passado o tempo dos heróis, clamavam os cangalheiros do Romance. Os que eu própria tentei criar saíram coxos, tarados, decepcionantes — e condenei-os a morrer ao fim de poucas páginas. Tinha-me deixado contaminar pela ideologia vigente, que apregoava o fim do Homem e a emergência dos homens, criaturas pequenas e confusas que nunca paravam quietas e cometiam toda a sorte de disparates — sem excluir as mulheres, as quais, por uma abominável perversão semântica, foram metidas no mesmo saco.

Sou a favor dos valores eternos ou, pelo menos, imortais. As modinhas — seja os tacões à arranha-céus ou a novela virtual, os amantes descartáveis ou o diabo a quatro — não me interessam. Sempre sonhei cantar a glória do casamento, repito. Se é aí que convencionalmente acabam os romances, pois será aí que o meu vai começar. É possível que não resulte grande coisa, mas ninguém me acusará de não me ter esforçado.

A ocasião acaba de ser-me, finalmente, propiciada. Sempre alcança quem espera lealmente — o rato lá surgiu no horizonte. Vou lançar-me a ele com toda a habilidade de que sou capaz, sem que a avidez precipite os meus gestos e deite tudo a perder. Dedico este *tour de force* aos que acreditam na fé. A amplitude do triunfo dependerá, evidentemente, da colaboração das personagens, factor decisivo para o êxito de qualquer narrativa. Antecipadamente confio nas minhas. Tanto mais que uma delas, a principal, aquela a quem destino o papel de heroína, se chama — louvadas sejam as musas — chama-se Clara.

### *Projectos falhados*

Clara! Deixei-a, no final do meu romance anterior<sup>(\*)</sup>, num daqueles famosos compassos de espera que sempre antecedem

(\*) Que Pena Ela Não Se Chamar Maria, Relógio d'Água Editores, 1985, 2ª ed., 1994.

as curvas perigosas. Tinha encontrado o homem da sua vida e aconchegava nos braços o fruto tenro dessa ligação. Alberto Félix, o parceiro contemplado, era um garboso arquitecto da nossa praça. O rebento, a que me coube dar o nome de Maria, começava a afiar os dentinhos de leite. Clara era feliz, mas — *hélas* — continuava solteira. Havia um impedimento à consumação oficial do seu matrimónio com Alberto. O pior obstáculo à legitimidade da união: o casal era, ou tinha sido, irmão.

Pode a felicidade ser completa no seio da reprovação canónica? Clara não distinguia claramente; vivia a sua hora, com aquele toque de leviandade que tão bem define a sua natureza. Alberto, embrenhado nos seus projectos, içado aos píncaros da fama desde que obtivera carta branca para avançar com as Torres do Bugio, não se detinha em escolhos jurídico-morais. A bebé, inocente, ignorava a nódoa que manchava a sua origem.

Competia-me, por força do estatuto de autora, lançar luz sobre a situação. Mas os raios da minha luz atraíram sobre mim a ira do casal, mais interessado em viver cegamente a sua vida do que em defrontar as astúcias da razão. Era preciso agir — e sem perda de tempo. Não tardaria que a culpa e o opróbrio envenenassem aquela Primavera.

Concebi então o projecto de me deslocar ao Vaticano, a fim de negociar com o papa a remoção do impedimento. Esperava apenas que a bestsellerização do romance tornasse o meu nome prestigioso o bastante para converter Sua Santidade ao bom ponto de vista. Entretanto, aconselhava o par a viver discretamente o seu incesto e, sobretudo, a não se expor à devassa dos *media*. Escusado será dizer que não me deram ouvidos. Deixaram-se entrevistar por tudo o que era jornal e, para cúmulo, venderam a sua história, em rigoroso exclusivo, a todos os canais de televisão!

Afastei-me pudicamente e, na sombra, fui urdindo o meu plano. Por motivos que a florarei muito rapidamente, nunca pude executá-lo. O romance não teve o êxito com que se contava. A crítica dividiu-se como de costume, académicos para um lado, jornalistas culturais para o outro, e quem pagou as favas foi

a minha obra. Nem sequer foi referida pelo júri do Grande Prémio da Associação Portuguesa de Escritores, apesar de eu ser dos poucos com as quotas em dia. Quanto a vendas, é preferível passarmos ao largo.

Caí numa profunda depressão, de que só a simpática ajuda do marido me permitiu arribar. Ofereceu-me uma viagem ao México — olé! — e, durante um mês, distraiu-me furiosamente de todo e qualquer desgosto literário. No regresso, mais serena, pude compreender que, para lá das circunstâncias exteriores, o que prejudicou fatalmente o meu livro foi... a má qualidade da heroína. Não agradava a homens nem a mulheres. Eles, atingidos nos brios, ficaram com um pó de morte às suas rebeldias feministas. Elas recusaram identificar-se com uma rapariga, *somme toute*, tão pouco emancipada.

### *Milagre nos Jerónimos*

Perdi-os de vista. A falar verdade, desinteressei-me deles. Tinham dado o que tinham a dar e que, feitas as contas, era pouco. Pois bem. Que chafurdassem à vontade no seu apartamentozito de Paço de Arcos. Que se pavoneassem a seu bel-prazer diante dos holofotes. Eu prosseguiria conscienciosamente a minha carreira literária. Já tinha a ideia central para um romance que ia direitinho ao prémio do Círculo de Leitores. Também me bailava no cérebro a música de uma história de ficção científica que havia de decorrer inteiramente na Terra, só para fazer ver aos pretensos descobridores de novas planetas as potencialidades inexploradas do nosso torrãozinho. A certa altura, os dois temas fundiram-se no meu espírito e encontrei-me a tremer diante da página branca, pronta a dar início ao mais fabuloso livro que alguma vez foi congeminado. Metia mito, metia história das civilizações, metia psicanálise, metia crítica social, metia um crime de faca e aguldar, metia uns

grãozinhos de New Age e uns pozinhos de deserto, metia abismo, metia, até, uns poemas que tenho conservado inéditos à espera de melhores dias. Metia tanta coisa, que a emoção não me deixou chegar ao fim da primeira linha. Escrever um romance tão complexo, tão cheio de possíveis e impossíveis, é um perigo para qualquer mortal. Ora eu sou jovem, quero viver!

Ao mesmo tempo que o romance do mundo se afundava no cesto dos papéis, de novo a melancolia tomava conta de mim. O marido, vendo-me cada vez mais soçobrada, tentava pachorrentamente estimular-me:

— Filha, não desespere! Vais ver que de repente te vem uma ideia genial.

Parvo. Não era esse o problema. Não era por falta de inspiração que eu me mantinha estéril, desperdiçando os anos mais fecundos a adiar a obra-prima. O que eu tinha era saudades de Maria.

Que querem? A gente inventa as criaturas e nunca mais consegue despegar delas. Mas Maria era ainda muito pequenina para poder ser-me de algum préstimo. Maria, destinava-a eu a um romance de plena maturidade, dela e minha, a chave de ouro com que tenciono fechar, um dia, a forja ficcional. Depois, não há nada para ninguém.

Felizmente, uma das minhas irmãs estava, por essa altura, em maré de divórcio, e não havia maneira de se entender com o consorte sobre a posse dos filhos. A meio do processo, o tribunal entrou de férias, e as malfadadas crianças andavam de Herodes para Pilatos, já sem saber de quem eram. Uma vez mais, cá estava eu para salvar a situação: mandei vir a menina mais novinha, a Mariana, e passei a tomar conta dela como se fosse filha minha!

Assim me ia entretendo quando, de chofre, uma notícia de jornal veio desmoronar o edifício da minha tranquilidade. Clara e Alberto Félix acabavam de contrair matrimónio no Mosteiro dos Jerónimos. Para que não me restasse qualquer dúvida, uma foto a três colunas mostrava o par inconfundível: Clara com a sua magnífica testa de cavalo a emergir do véu branco,